

1. Falta de crédito atinge brasileiros nos EUA

09/02/2009 • Valor Econômico • Jornal • NOTÍCIAS • D10

O rompimento de contrato entre as principais instituições financeiras que oferecem crédito estudantil nos Estados Unidos e as mais renomadas escolas de negócios americanas deve espantar os alunos estrangeiros dos cursos de MBA este ano. Até 2008, para obter empréstimos acima de US\$ 100 mil, os estudantes não precisavam apresentar um avalista. O financiamento saía em poucas horas e com uma taxa de juros bem amigável, em torno de 5% ao ano. Agora, com o fim de programas de crédito que o Citibank, via CitiAssist, e a Sallie Mae mantinham com escolas como Harvard, Wharton, Columbia, Chicago, Michigan e Cornell, as regras mudaram. Os alunos internacionais precisam conseguir outras linhas de crédito, cujo acesso é bem mais restrito. Precisarão, por exemplo, de um avalista ("co-signer") americano, o que não será uma missão simples neste momento. Também pagarão taxas bem superiores às praticadas até então. O clima entre os estudantes brasileiros é de incerteza e muitos já pensam em desistir dos EUA e fazer o curso no Brasil. Divulgação Johnson, diretor-executivo da escola de negócios de Berkeley, diz que as escolas buscam uma solução conjunta até agosto "Tenho amigos brasileiros desesperados atrás de avalistas e pensando em postergar o MBA em escolas americanas", conta o estudante Marcelo Marques, que iniciou o curso em agosto passado na Kellogg School of Management, escola de negócios da Universidade Northwestern. Para completar o custo do programa de US\$ 100 mil, sem contabilizar as despesas com moradia, ele recebeu uma bolsa de estudos da Fundação Estudar. Além disso, recorreu a um empréstimo do fundo mantido pela própria escola. "Ele cobra uma taxa bem maior, chega a quase 13% ao ano, mas diante dessas mudanças passou a valer a pena", diz. Marques terá prazo semelhante ao oferecido pelo CitiAssist para saldar a dívida. Só começará a pagar seis meses após a formatura e terá 15 anos para quitar as prestações. A maior diferença é que ele não precisará de avalista. A Kellogg, entretanto, é uma das poucas que já oferecia este tipo de financiamento aos alunos de fora. A maior parte das grandes escolas está correndo atrás de novos acordos de financiamento para oferecer crédito aos candidatos estrangeiros. Elas querem encontrar alternativas antes do início das aulas em agosto, pois temem a queda na procura desses estudantes. Peter Johnson, diretor-executivo de admissões da Haas School of Business, escola de negócios da Universidade Berkeley, disse ao Valor que está tentando com outras escolas de peso um acordo conjunto com novas instituições financeiras para facilitar os empréstimos a estrangeiros. "Estamos negociando", adianta. Nas salas de aula da Haas, 35% dos alunos são internacionais e 70% deles recorrem a algum tipo de empréstimo para estudar. A escola recebe 240 novos estudantes para cada curso e concede US\$ 3, 2 milhões em bolsas por ano. Como medida emergencial para socorrer os alunos que estão passando do primeiro para o segundo ano do MBA e precisam renegociar o financiamento para continuar os estudos, a Haas disponibilizou US\$ 700 mil de seu caixa em 2008. O diretor explica que o dinheiro foi direcionado, principalmente, para os alunos afetados com o fim do acordo com o Citibank. "Se não conseguirmos resolver essa questão até perto do início das aulas, disponibilizaremos mais US\$ 800 mil", afirma Johnson. A reitora-associada de recrutamento e admissões da escola de negócios da Universidade de Chicago, Rose Martinelli, também espera fechar algum acordo antes de agosto. "Estamos conversando com várias instituições", disse ao Valor. Em comunicado aos alunos, postado no site da escola no fim de janeiro, ela lamenta o clima de incerteza desde o ano passado, por conta do rompimento dos acordos de empréstimos da escola. Primeiro chegou ao fim a parceria de 11 anos com a Illinois Designated Account Purchase Program (IDAPP). Em seguida, veio a notícia sobre o fim do programa CitiAssist, que o havia substituído. "É preciso ter paciência", pede. Na escola de negócios de Chicago, 34% dos alunos são estrangeiros, sendo 20% da América Latina. Ela diz que, no geral, 50% dos estudantes de fora utilizam empréstimos para custear o MBA. Na Ross School of Business, escola de negócios da Universidade de Michigan, a diretora-associada da área de financiamentos, Vickie M. Crupper informa que a escola está ciente do impacto da medida para os alunos internacionais, mas que agora cabe a eles encontrar financiamentos em seus próprios países ou um avalista americano para utilizar as linhas de crédito disponíveis nos EUA. Ela diz que a escola está avaliando formas de ajudar os alunos que já estão cursando o MBA e precisarão renovar o empréstimo para terminá-lo. "Anunciaremos aos estudantes o que pode ser feito, assim que tivermos terminado esta análise", avisa. A Harvard Business School, por sua vez, anunciou em seu site que os estudantes de MBA, inclusive os estrangeiros, continuarão a ter acesso aos financiamentos sem a necessidade de um avalista americano "apesar de toda a pressão sobre a viabilidade desses empréstimos nesse clima de incerteza econômica". Divulgação De acordo com Roberto G. de A. Oliveira, aluno do MBA no MIT, 60 alunos de sua classe dependiam do empréstimo do CitiAssist Os estudantes, por

outro lado, duvidam que as escolas de negócio serão capazes de firmar contratos tão favoráveis como os que existiam antes. "Esta indefinição é preocupante", diz Leonardo Byrro, que está no primeiro ano do MBA em Kellogg. Mesmo tendo conseguido o empréstimo na própria escola e não por meio do CitiAssit ou da Sallie Mae, ele teme que as regras também possam mudar no seu caso por conta da crise americana. "Vivemos uma situação de risco em qualquer escola", diz. Outro brasileiro Jamil Ganan, admitido em Berkeley e em Kellogg para iniciar o MBA no segundo semestre deste ano, está indeciso sobre até que ponto deve se endividar para realizar o curso. Ele tem duas opções para custear o futuro curso nos EUA. Em Berkeley, ganhou uma bolsa por mérito que cobre apenas 50% do valor do MBA. Adicionado ao valor do curso o custo de moradia e alimentação, ele terá que desembolsar em dois anos cerca de US\$ 180 mil. Nesse caso, ele teria que batalhar algum financiamento para cobrir este valor excedente. Em Kellogg, Ganan poderia recorrer ao empréstimo oferecido pela própria escola e não precisaria correr atrás de um avalista americano. "Em compensação eu pagaria uma taxa de juros alta", explica. Até o momento, a única escola que já encontrou uma solução para substituir os programas de financiamento cancelados foi a Sloan School of Management, escola de negócios do MIT. Ela conseguiu negociar taxas amigáveis para os empréstimos, sem avalistas, através de uma linha de crédito federal, a MIT Federal Credit Union. Um dos aspectos mais inovadores desse programa é que o estudante poderá requerer o empréstimo para os dois anos de curso. No modelo mais usual ele precisaria renová-lo no fim do primeiro ano. "A escola nos tranquilizou com esta informação", conta Roberto Garcia de Assis Oliveira, aluno do primeiro ano do MBA no MIT. Ele conta que a escola, além de estender o prazo, manteve uma taxa de juros em torno dos 5%. "É um alívio para os estudantes estrangeiros", diz Oliveira. No MIT, cerca de 40% dos alunos de MBA são de outras nacionalidades. "Na minha classe 60 alunos teriam que abandonar o curso no segundo período caso a escola não tivesse resolvido a questão do financiamento", diz. Para ajudar os estudantes brasileiros que estão apavorados com o fim dos programas do CitiAssit e Sallie Mae, a Fundação Estudar, que patrocina dezenas de alunos nas mais disputadas escolas de negócios americanas, estuda a possibilidade de ampliar o valor das bolsas este ano. A diretora-executiva Thais Junqueira Franco Xavier diz que espera uma grande procura por patrocínio. Em 2008, a fundação concedeu 38 bolsas, 17 para pós-graduação e MBA, cada uma no valor médio de US\$ 30 mil. "Vamos olhar com mais cuidado este ano para a bolsa ser mais atrativa", diz. Ela acredita que estudantes oriundos da área pública e do terceiro setor deverão sentir mais o fim desses financiamentos. O preparador de candidatos para os rigorosos processos de admissão em escolas de primeira linha, Paulo César Porto, da Philadelphia Consulting, diz que por enquanto a procura em sua empresa não diminuiu por conta dessa mudança nas regras de financiamento. "Estamos tendo uma procura tão grande quanto no ano passado", diz. Mas, ele conta que muitos dos alunos que ajudou a ingressar nas grandes escolas americanas estão ligando e dividindo com ele a preocupação sobre o futuro dos empréstimos estudantis. "Tem muita gente com medo", diz. Porto, entretanto, está otimista e acredita que em breve as escolas deverão anunciar outras alternativas para os alunos de fora. "Para elas é muito importante manter um bom número de alunos estrangeiros", diz. Afinal, são eles que proporcionam a tão falada diversidade nas salas de aula.